



nara roesler

telúricos

curated by ana carolina ralston

alessandro fracta
amelia toledo
amorí
ana sant'anna
brígida baltar
c. l. salvaro
denise alves-rodrigues
felipe góes
felippe moraes
flávia ventura
isaac julien
karola braga
kuenan mayu
lia chaia
not vital
richard long

nara roesler são paulo
opening 5 de fevereiro
exhibition fev-mar, 2026

telúricos

“A imaginação telúrica cava sempre em profundidade; ela não se contenta em superfícies, precisa descer, pesar, resistir.”
Gaston Bachelard (*A Terra e os Devaneios da Vontade*)

Não há devaneio que envolva a terra sem a experiência do corpo que empurra, cava, abre fendas, molda. A matéria terrestre não é um simples suporte, mas um agente de vontade, um núcleo de energia ativa que convoca metamorfoses e insurgências; uma força subterrânea que não é apenas cenário, mas protagonista, como defende o filósofo contemporâneo Bruno Latour. Assim, a Terra não é pano de fundo, mas ator político que intervém, reage e transforma nossos modos de habitar. O pensamento de Latour permite observarmos a potência telúrica não somente como estética, mas como uma força que reorganiza pactos, territórios e sensibilidades. É sobre essa fresta que se abre e que modifica nosso modo de entender o mundo que se trata a exposição coletiva *Telúricos*, atualmente em cartaz na galeria Nara Roesler de São Paulo.

A mostra reúne 16 artistas, de distintos gêneros e suportes que, em comum, buscam repensar a política a partir do chão que pisamos, que nos sustenta e, ao mesmo tempo, expande e limita nossas possibilidades de existência. Ao deslocar o debate do abstrato para o territorial, percebemos que toda a prática — científica, artística ou social — implica uma tomada de posição. Nesse sentido, a Terra não é uma ideia global, mas um conjunto de superfícies instáveis, falhas geológicas, zonas de fricção entre humanos e não humanos. Aproximar-se desse pensamento por meio de produções artísticas atuais é operar como dispositivo de atenção ao solo, à matéria e às condições de habitabilidade do mundo. A força telúrica manifesta-se não apenas como espetáculo, mas como pressão contínua, densidade histórica e material que atravessa corpos e culturas. Trata-se de um exercício de responsabilidade estética e política, capaz de reconfigurar nossa relação com o planeta e de imaginar formas de coexistência com aquilo que nos sustenta.

Encarar a complexidade e instabilidade terrena é também entender sua desterritorialização — um movimento que desfaz formas antigas e inaugura paisagens inéditas. Coloca-se, assim, o território como reflexão, e suas crateras como lugar de inversão térmica do mundo. Cada obra presente neste espaço pode ser lida como um documento dessa negociação com o planeta: registros de fricções, tensões,

alianças, advertências. Em um momento histórico que vivemos, a arte assume o papel ampliado, onde o chão que pisamos também vota, protesta e fala.

O tempo geológico insiste em mover-se no presente. Aproximar-se dessa política terrestre é também tratar de suas válvulas de escape. O vulcão torna-se, assim, uma figura extrema de pertencimento e conflito: um lugar onde não há neutralidade possível, apenas negociações constantes entre vida, risco e renovação. São órgãos pulsantes, zonas onde a terra abre passagem ao seu interior e expõe sua memória. Locais de criação e destruição simultâneas, onde o que parece estável se torna fluxo. A lava é um pensamento que Bachelard chama de “vontade de estar puro”. Uma matéria que decide mover-se, romper e transformar. Não é apenas um fenômeno natural, mas uma metáfora daquilo que emerge quando a superfície cultural se fenda — quando as forças minerais e sociais irrompem para reorganizar o visível.

A erupção vulcânica, nesse sentido, é a expressão radical da capacidade do planeta de alterar-se, de reinventar sua forma e de impor ritmos imprevistos à vida. Dessa forma, cada artista promove uma gramática própria de contato com o subterrâneo. As produções reunidas na exposição evidenciam essa coabitação profunda: pigmentos extraídos do solo, minerais e resinas reativadas pelo fogo. Em cada gesto artístico, há a consciência de que criar é participar dessa grande respiração metamórfica que funda o planeta. É importante lembrar que tudo — minerais, plantas, humanos — participa de um mesmo processo respiratório, um único corpo planetário em constante transformação.

Ao introduzir o conceito de carne do mundo, Merleau-Ponty oferece uma chave sensorial para perceber a Terra não como objeto, mas como presença que vibra conosco. Assim, a matéria é sempre uma dobra sensível, algo que responde, que reverbera, que nos constitui tanto quanto a tocamos. No contexto desta exposição, a força telúrica aparece como essa pulsação compartilhada: o calor subterrâneo que, mesmo invisível, repercute em nossos corpos. Os artistas tornam-se escutadores dessa carne profunda — como se cada obra fosse uma tentativa de registrar a respiração lenta e inaudível do planeta.

— **Ana Carolina Ralston**
Curator

Alessandro Fracta
*Amuleto I (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
embroidered jute
fiber on jute canvas
40 x 40 cm
15.7 x 15.7 in





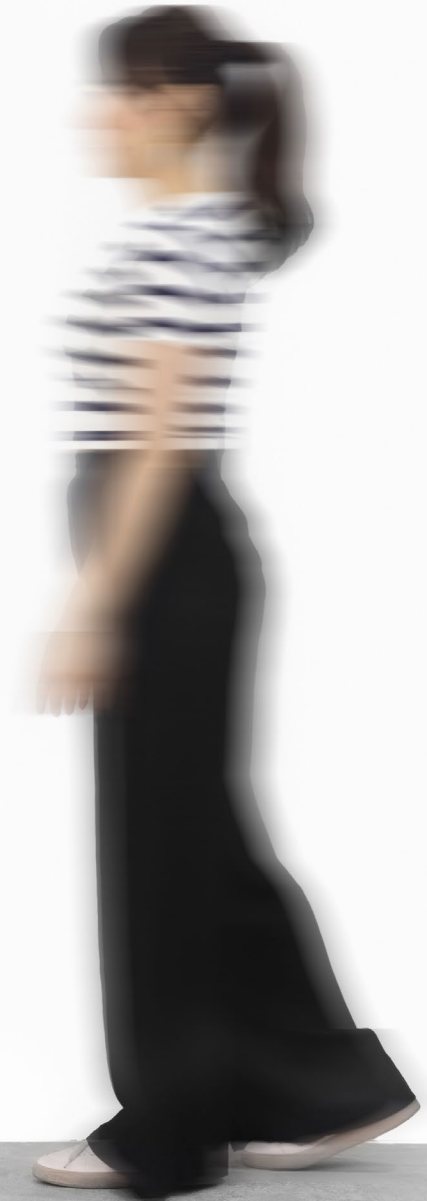
Alessandro Fracta
*Amuleto II (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
embroidered jute
fiber on jute canvas
40 x 40 cm
15.7 x 15.7 in



Alessandro Fracta
*Amuleto II (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
embroidered jute
fiber on jute canvas
40 x 40 cm
15.7 x 15.7 in



Alessandro Fracta
Ecos Luminosos I, 2025
embroidered jute fiber on jute canvas
100 x 80 cm
39.4 x 31.5 x 0.8 in





Amelia Toledo
Canto das ametistas, 2001
stainless steel and amethyst
edition of 3 + PA
110 x 110 x 110 cm
43.5 x 43.3 x 43.3 in







Amorí

As duas, 2025

iron, latex, cotton tow, and leather

1 peça de 97 x 330 x 81 cm | 1 peça de 138 x 300 x 80 cm

1 piece of 38.2 x 129.9 x 31.9 in | 1 piece of 54.3 x 110.1 x 31.5 in





Amorí
O cio da terra, 2025
oil paint on panel
103 x 105 cm
53.1 x 41.3 x 1.4 in

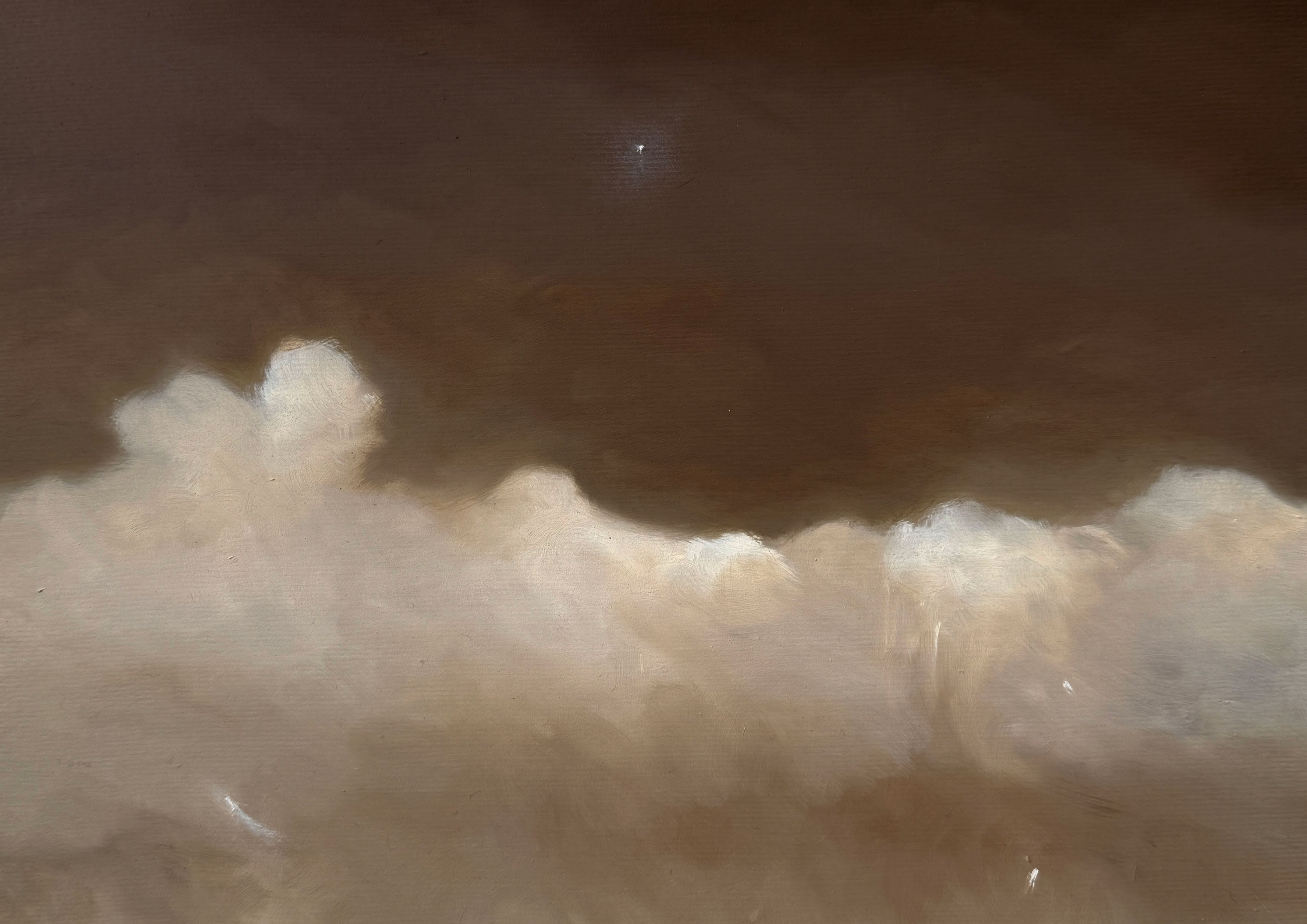


Ana Sant'anna
O instante que paira, 2025
oil paint on canvas
30 x 24 cm
11.8 x 9.4 in





Ana Sant'anna
Nut, 2025
oil paint on canvas
30 x 30 cm
11.8 x 11.8 in





Brigida Baltar
Untitled, 2000
blue ballpoint on paper
26,4 x 18,4 cm
10.4 x 7.2 in





Brígida Baltar
Untitled, 2002
ink on paper
29 x 21cm
11.7 x 8.3 in





Brígida Baltar
To bury is to plant
[*Enterrar é plantar*], 1994
VHS transferred to SD, p&b,
no audio, four screen video
1'56" | 40" | 3'20" | 2'36"



C. L. Salvaro
PP, 2022
resin, fiberglass, and soil
11,5 x 11,5 x 5 cm
4.5 x 5.9 x 1.8 in



C. L. Salvaro
Deposições, 2021
resin, waste materials, polychromed
wood, paraffin, and metal
22 x 55 x 12 cm
8.7 x 21.7 x 4.7 in





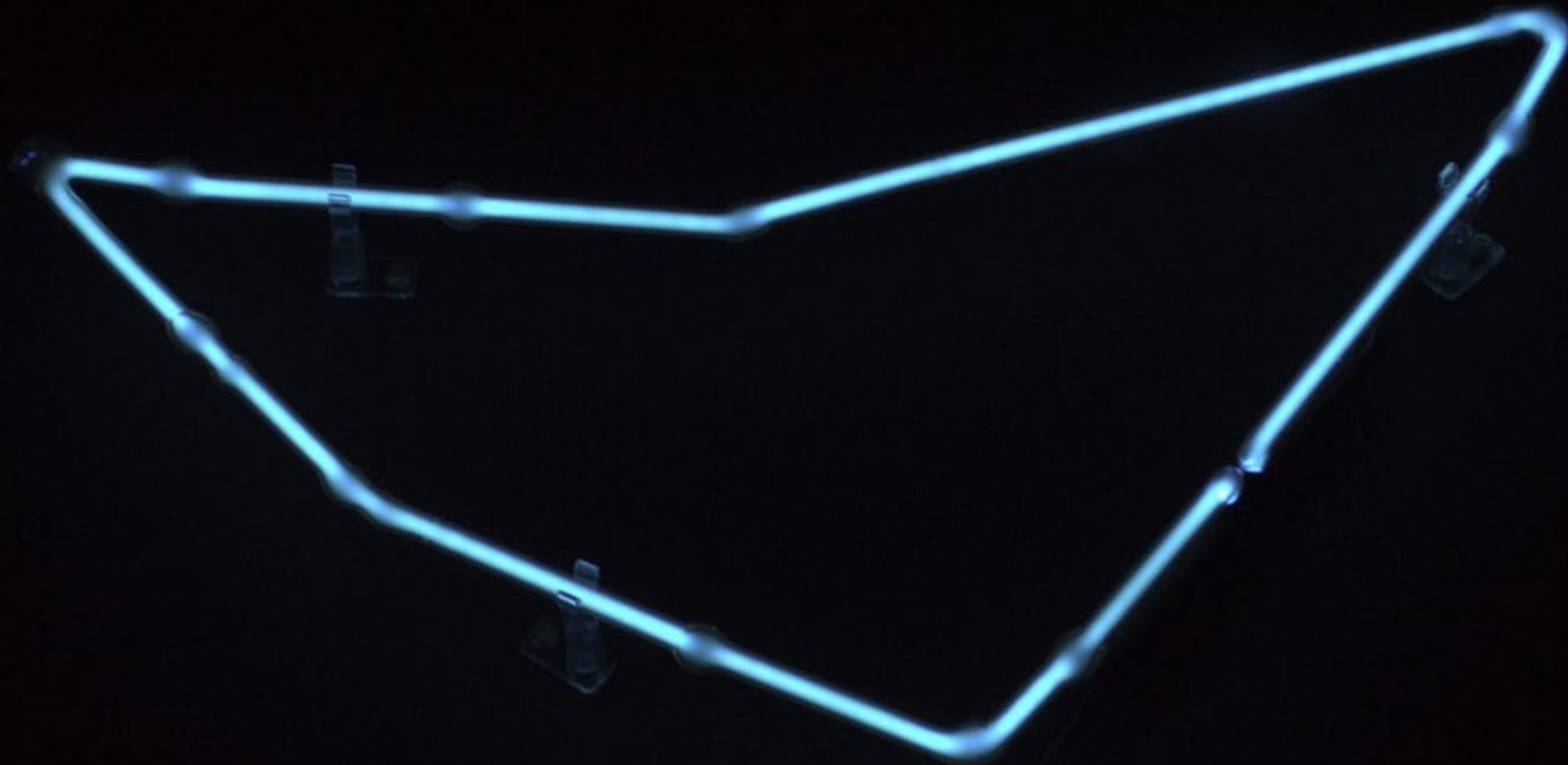
Felipe Góes
Pintura 332, 2018
acrylic paint on canvas
140 x 140 cm
55.1 x 55.1 in



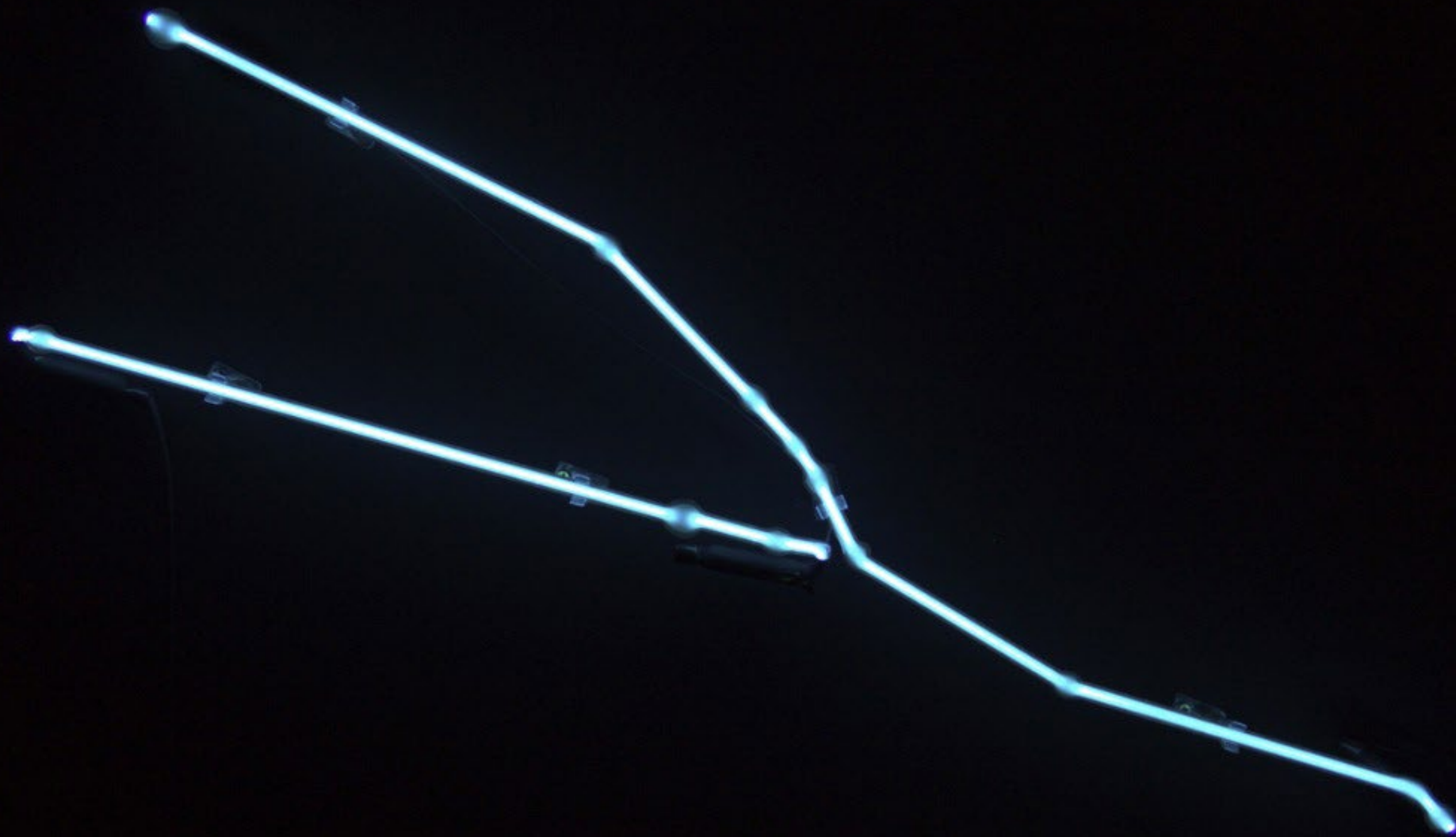




Felipe Góes
Pintura 458, 2025
acrylic paint on canvas
100 x 90 cm
39.4 x 35.4 in



Felippe Moraes
*Capricornius (Solaris
Discotecum series)*, 2023
neon
56 x 35 cm
22 x 13.8 in



Felippe Moraes
Taurus (Solaris
Discotecum series), 2023
neon
49 x 81 cm
19.3 x 31.9 in

Felippe Moraes
Virgo (Solaris
Discotecum series), 2023
neon
56 x 105 cm
22 x 41.3 in





Flávia Ventura
Noite, da série
Paisagens internas, 2025
oil paint on jute
250 x 200 cm
98.4 x 78.7 in







Isaac Julien
Under Opaline Blue
(*Stones Against Diamonds*), 2015
Kodak Endura Premier
photographic print
edition of 6 + 1 PA
180 x 240 x 0,8 cm
70.9 x 94.5 x 0.3 in







Karola Braga
Myrrh: Passage, 2025
wax and myrrh
80 x 50 cm
31.5 x 19.7 in



Karola Braga
Frankincense: Ascension, 2025
wax and frankincense
80 x 50 cm
31.5 x 19.7 in





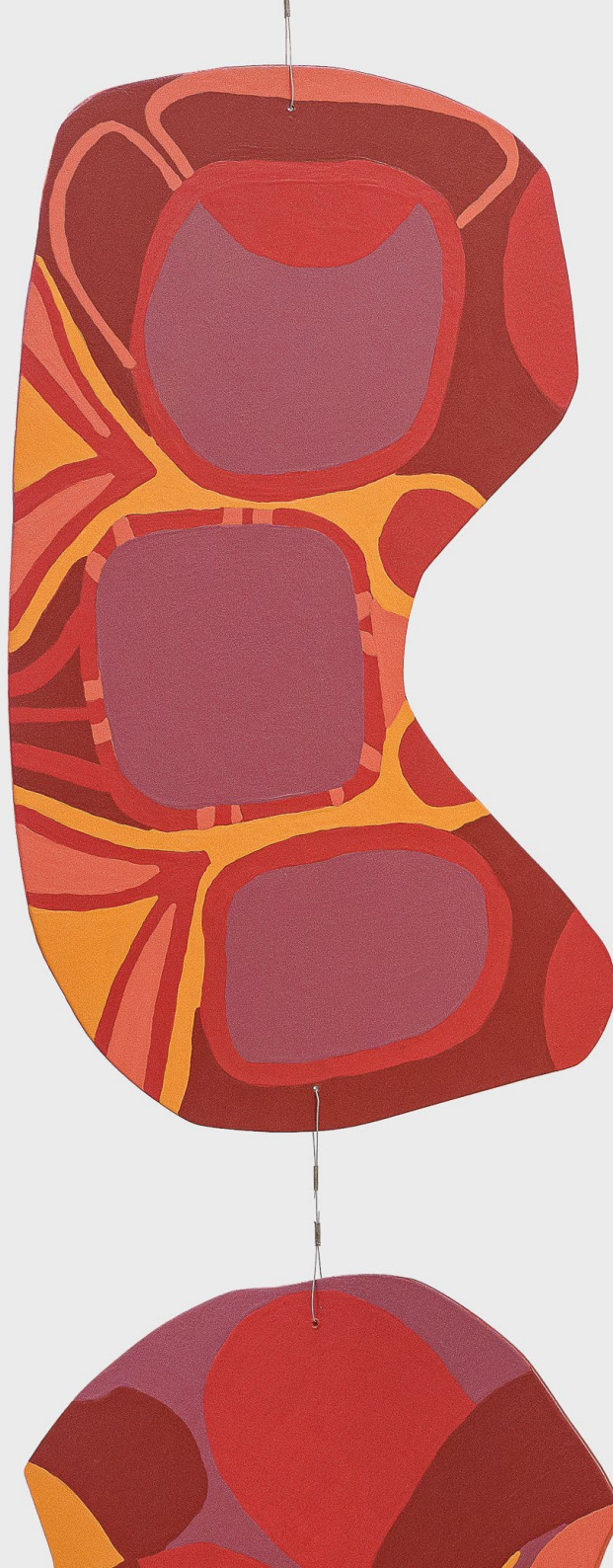
Lia Chaia
Organoid, 2024
MDF, acrylic base,
satin enamel paint, and steel wire
204 x 49 cm
80.3 x 19.3 in





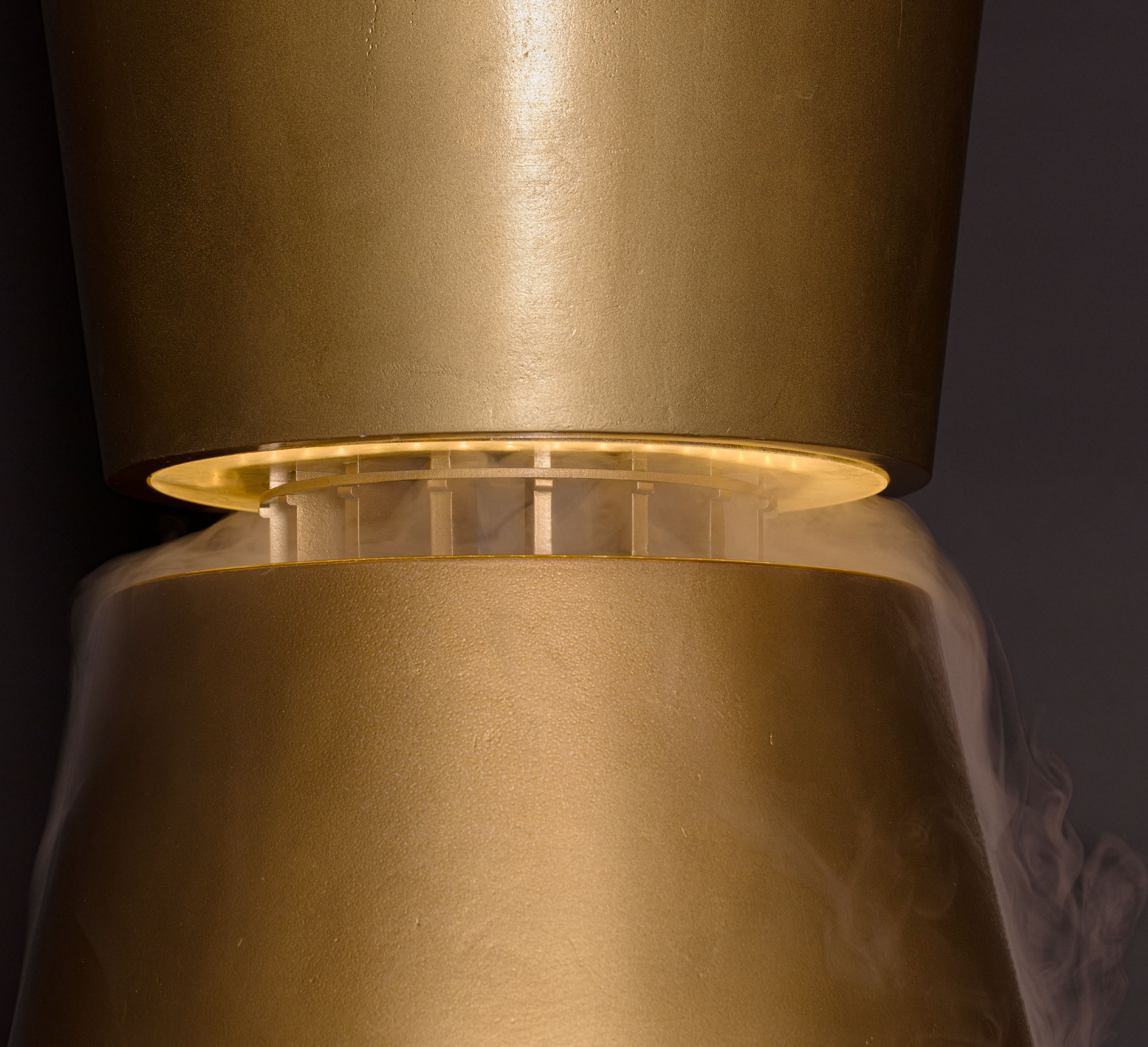
Lia Chaia
Organoid, 2024
MDF, acrylic base, satin enamel
paint, and steel wire
209 x 30 cm
82.3 x 11.8 in





Karola Braga
Perfumare, 2025
continuous diffusion of aromatic
mist (myrrh, frankincense, and sandalwood)
180 x 160 cm
70.9 x 63 in







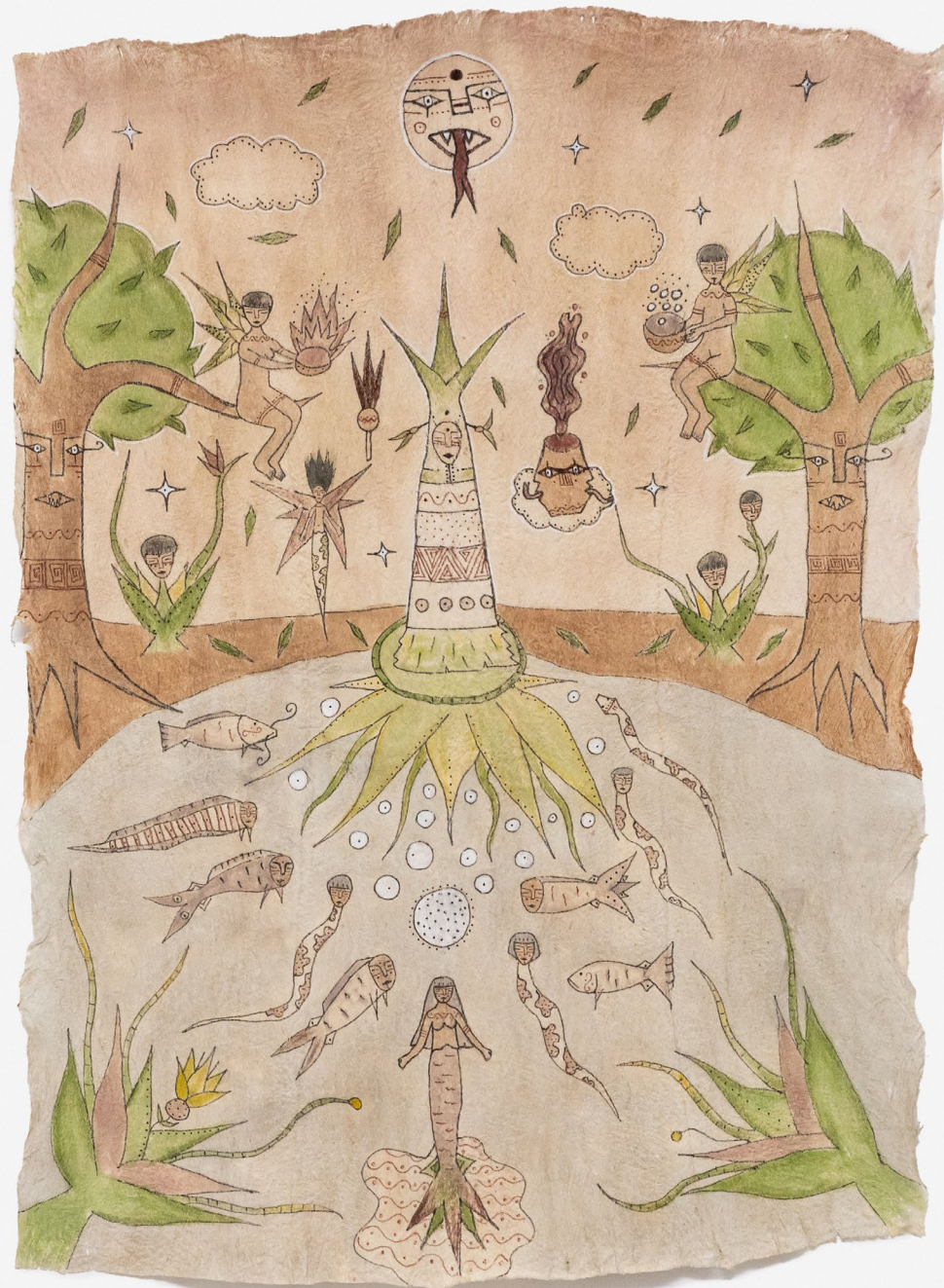
Kuenan Mayu
Ãun `ãtchi (Eware series), 2025
natural pigments (turmeric,
white clay, cumate, crajirú,
jenipapo, pacová, and
Brazilwood) on tururi inner bark
52 x 55 cm
20.5 x 21.7 in



Kuenan Mayu
Cu'natchana'ã arü (Eware series), 2025
natural pigments (turmeric, white clay,
cumate, crajirú, jenipapo, pacová,
and Brazilwood) on tururi inner bark
58 x 60 cm
22.8 x 23.6 in







Kuenan Mayu
Guu'ma y naanegü (Eware series), 2025
natural pigments (turmeric, white clay,
cumate, crajirú, jenipapo, pacová,
and Brazilwood) on tururi inner bark
105 x 75 cm
44.9 x 32.3 in



Not Vital
Moon, 2017
white marble
Ø 160 cm
Ø 63 in





Richard Long
Untitled, 2024
acrylic paint and clay
on wood with nails
63 x 22 x 11,5 cm
24.8 x 8.7 x 4.5 in





Richard Long
Untitled, 2024
acrylic paint on wood
8 x 89 x 18 cm
3.1 x 35 x 7.1 in



Richard Long
Untitled, 2024
acrylic paint and clay on wood
38,5 x 14,5 x 8 cm
15.2 x 5.7 x 3.1 in



alessandro fracta

n. 1997, Manaus, Brasil. Vive e trabalha em Salvador, Brasil

Alessandro Fracta entrelaça sua pesquisa às encantarias do rio Miriti, berço da memória ribeirinha de sua família. Estruturas têxteis, foto-performances e bordados serpenteiam as memórias vinculadas aos seus ancestrais mas também coletivizada, pertencentes à cultura popular nortista. A juta – fibra vegetal emblemática na economia regional – e o cipó – técnica artesanal herdada da avó – são reinscritos em uma prática que é tanto estética quanto genealógica.

exposições coletivas selecionadas

- Bienal das Amazônias, Belém, Brasil (2025)
- *Fazer com, pensar junto*, Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Espelho D'Água Viva*, Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Caminhos*, Muhcab, Rio de Janeiro, Brasil (2024)

amelia toledo

b. 1926, São Paulo, Brazil

d. 2017, Cotia, Brazil

Amelia Toledo started studying visual arts at the end of the 1930s, as she began to frequent Anita Malfatti's studio. During the following decade, she continued her studies with Yoshiya Takaoka and Waldemar da Costa. In 1948, she started working as a project designer for the architecture studio Vilanova Artigas. Her encounters with iconic figures of Brazilian Modern Art encouraged her to develop a multifaceted oeuvre, entwining diverse artistic languages such as sculpture, painting and printmaking, which further flourished through her contact with other artists of her generation including Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica and Lygia Pape.

Amelia Toledo's diverse practice in terms of media, reveals the artist's investigative ambition to seek an expanded understanding of artistic possibilities. Starting in the 1970s, the artist's production transcended its constructive grammar—characterized by geometric elements and curves—, turning instead to organic shapes. Toledo began to collect various materials, such as shells and stones, making her surrounding landscape a fundamental element in her practice. In parallel, Toledo's paintings took on monochromatic characteristics, revealing her interest in investigating color and its behavior.

[click to see full cv](#)

selected solo exhibitions

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brazil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, New York, USA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brazil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brazil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brazil (2004)

selected group exhibitions

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brazil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, USA (2017); Brooklyn Museum, New York, USA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brazil (2017)
- 10th Mercosul Biennial, Brazil (2015)
- *30x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brazil (2011)
- 29th São Paulo Biennial, Brazil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brazil (2006)

selected collections

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brazil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brazil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brazil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil

amorí

n. 1995, Ribeirão, Brasil. Vive e trabalha entre São Paulo, Brasil

Nascida na zona da mata pernambucana, em sua prática transdisciplinar, investiga a repetição de formas que atravessam paisagens da memória e universos ficcionais. Trabalha com escultura e pintura a partir de materiais como látex, ferro e cerâmica, criando um repertório simbólico entre o vivido e o imaginado.

exposições individuais selecionadas

- *Queda das Estrelas*, Verve Galeria, São Paulo, Brasil (2025)
- *À medida que as estrelas colapsam*, Torre Malakoff, Recife, Brasil (2024)

exposições coletivas selecionadas

- *Noites de Sol*, Oficina Francisco Brennand, Recife, Brasil (2025)
- *Fogo Corredor*, Galeria Portas Vilaseca, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Abre Alas 20*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Meu Quintal é maior que o Mundo*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2025)

ana sant'anna

n. 1992, Salvador, Brasil. Vive e trabalha em Salvador, Brasil

A artista trabalha com múltiplas linguagens e tem sua pesquisa atravessada pelos conceitos de transitoriedade, luminosidade, tempo e memória, transformando sua conexão íntima com a natureza em matéria-prima poética. Sua prática começa na caminhada: percursos repetidos despertam o olhar e a percepção para os fenômenos sutis do ambiente, ativando uma escuta expandida do visível e do invisível. Ao longo desses trajetos, ela coleta pedras, galhos, conchas e folhas — pequenos vestígios da paisagem — e escreve, tanto durante o percurso quanto no ateliê, como quem tenta guardar aquilo que, por sua própria natureza, escapa. Esses gestos iniciais abrem espaço para que imagens e atmosferas se revelem de forma intuitiva, guiadas mais pela memória sensorial do que por qualquer tentativa de reprodução. Entre paisagens e abstrações, suas obras estabelecem um diálogo silencioso entre o mundo externo e o imaginário, condensando a impermanência em formas que tocam o indizível.

exposições individuais selecionadas

- *Maré*, ArteFASAM, São Paulo, Brasil (2023)

exposições coletivas selecionadas

- *Construção no Vento*, Claraboia e Flexa Galeria, São Paulo, Brasil (2025)
- *Entremarés*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2025)
- *Porvir*, Piscina e Gruta CC, São Paulo, Brasil (2024)
- *Você consegue me ver?*, Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil

brígida baltar

b. 1959, Rio de Janeiro, Brazil

d. 2022, Rio de Janeiro, Brazil

The work of Brígida Baltar spanned across a wide range of mediums, including video, performance, installation, drawing, and sculpture. Baltar's artistic production began in the 1990s with small poetic gestures, developed in her studio-home in Botafogo, a neighbourhood of Rio de Janeiro. During nearly ten years, the artist collected items of domestic life such as the water dripping through small cracks on her roof, or dust falling from the bricks of her walls. This act of collecting subsequently expanded into the outside world, giving rise to the *Coletas* series, an attempt at capturing mist, dew and ocean breeze—an ultimately impossible or rather, intangible task. In the meantime, she also created a variety of works using the collected brick dust, ranging from landscape drawings on paper, or ornate compositions drawn directly on walls or floors, to sculptures, proposing pieces that uniquely intertwined her past and present practice until her passing.

The artist recurrently based her artistic process in fabulation, intertwining and often embodying human and animal characteristics as a tool to redefine our relationship with nature. This is notably visible in works such as *Ghost Crab*, *Bee House* and *Voar*. Her later work with ceramic engages with the relationship between body and shelter, one of the main themes in her work, proposing shapes of sea shells that merge with those of the human body. In her late years, the artist focused on embroidery, producing works related to her body and her skin, re-affirming her career-long ability to use her personal experience to address philosophical concepts and sensations.

[click to see full cv](#)

selected solo exhibitions

- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brazil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To make the world a shelter*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brazil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2018)
- SAM Art Project, Paris, France (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brazil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil (2007)

selected group exhibitions

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brazil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2023)
- *The Fold in the Horizon*, Nara Roesler, New York, USA (2022)
- 12th Mercosul Biennial, Brazil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, France (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes*, Portraits and Still Lives, Terra-Art Project, London, UK (2017)
- *Constructing views: experimental film and video from Brazil*, New Museum, New York, USA (2010)

selected collections

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, USA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brazil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, USA

c. l. salvaro

n. 1980, Curitiba, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

A prática de C. L. Salvaro é orientada pelo acaso e pela ideia de ruína urbana. Parte de seu processo consiste em “encontrar coisas que são insignificantes e tentar dar uma relevância para elas”, como conta o artista. Em suas obras, Salvaro demonstra interesse particular por projetos instalativos elaborados a partir das condições do ambiente em que está situado. Suas esculturas e instalações tecem ambiguidades no olhar ao recorrer, com frequência, à simulação e ao desvio de elementos da vida cotidiana, bem como ao deslocamento de escalas e proporções.

exposições individuais selecionadas

- *Lapso*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2024)
- *Dejavu*, Ibakatu, Curitiba, Brasil (2023)
- *Enquanto*, Central, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fachada*, Memorial Minas Gerais Vale, Belo Horizonte, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Vestígios*, Central, São Paulo, Brasil (2024)
- *O Estranho que mora comigo*, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil (2024)
- *Objeto Sujeito*, Museu Paranaense, Curitiba, Brasil (2023)
- *Trauma*, Sonho e Fuga: 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil

felipe góes

n. 1983, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo , Brasil

Os trabalhos de Felipe Góes são realizados a partir de uma intenção inicial de imagem, mas que se dissolve ao longo do processo de pintura: áreas alagadas podem tornar-se florestas, e planícies transformam-se em manchas indefinidas de cor, por exemplo. O processo de criação do artista e suas proposições conceituais justapõem figuração e abstração, clareza de significado e ambiguidade. Os trabalhos buscam desconstruir os processos tradicionais da pintura de paisagem ao recusar práticas como a utilização de fotografias de referência, a observação de lugares existentes e a aplicação de títulos que direcionem a interpretação das imagens. Existe uma recusa à nomeação de índices e indicadores de significado, e nesse sentido, os trabalhos interrogam tanto a tradição formalista de uma arte autônoma quanto os maneirismos herdados da arte conceitual. Procura-se ativar outras maneiras do público se relacionar com as imagens, traçando relações entre as pinturas e seu próprio repertório de lembranças e experiências.

exposições individuais selecionadas

- *Disco Celeste*, Zipper Galeria, São Paulo, Brasil (2023)
- *Ciclo Circadiano*, Galeria Kogan Amaro, São Paulo, Brasil (2022)
- *Paisagens*, Galeria Murilo Castro, Belo Horizonte, Brasil (2018)
- *Paisagem Incerta*, Instituto Moreira Salles (IMS), Poços de Caldas, Brasil (2017)
- *Dilute*, Phoenix Institute of Contemporary Art, Phoenix, EUA (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *El viaje interminable*, Palácio Pereda, Buenos Aires, Argentina (2023)
- *Yonder Crush*, Studio 620, Nova York, EUA (2023)
- *Color Bind*, Galeria Kogan Amaro, São Paulo, Brasil (2021)
- *Paisagens que aprendi de cor*, Museu Inimá de Paula, Belo Horizonte, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, Brasil
- Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil

felippe moraes

n. 1988, São Paulo, Brasil.

Vive e trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de Felipe Moraes está pautada pela relação das epistemologias com os fenômenos naturais e a espiritualidade, assim como a percepção do intangível. Nas palavras do artista: “meu trabalho é uma celebração da experiência do tangível e como essa vivência, e somente ela, pode promover uma apreensão do intangível e do imaterial com tamanha eloquência retórica e poética. Trata-se de uma revelação que se dá pela ausência, pelas reticências, pelo espaço entre caracteres epistemológicos e pela contemplação daquilo que é infinito”.

exposições individuais selecionadas

- *A Distância do Horizonte*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, Portugal (2023)
- *Samba Exaltação*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil (2021)
- *Panthera Lemniscata*, SESC Santo André, Santo André, Brasil (2021)
- *Imensurável*, Caixa Cultural, Fortaleza, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *O que há de música em você*, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Trauma*, Sonho e Fuga: 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Utopias e Distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil (2022)
- *Arte como Respiro*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2020)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil

flávia ventura

n. 1991, Belo Horizonte, Brasil.

Vive e trabalha entre São Paulo e Belo Horizonte, Brasil

Em sua pesquisa, Flávia Ventura investiga o corpo como dispositivo mutável de experimentação sensível, propondo o deslocamento de discursos e protagonismos em relação à sexualidade, gênero, poder e violência, propondo a criação de narrativas ficcionais que habitam entre a realidade e a fantasia, flertando com a abstração para construir paisagens corporeais por meio da pintura e suas possibilidades expansivas.

exposições individuais selecionadas

- *(Segredo)*, Galeria Lume, São Paulo, Brasil (2022)
- *Água Viva*, GAL, Belo Horizonte, Brasil (2022)
- *Tramas da Resistência*, Aliança Francesa, Belo Horizonte, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Porvir – Piscina #1*, Gruta, São Paulo, Brasil (2024)
- *Sindicato de Artistas*, Massapê, São Paulo, Brasil (2023)

isaac julien

b. 1960, London, UK, where he lives and works

Isaac Julien is one of the most important and influential British visual artists in the fields of installation and film. His work combines several disciplines, including cinema, photography, dance, music, theatre, painting and sculpture, which are captured in his audio-visual installations, documentaries and photographic pieces. The plurality of his work is not only present in the process of making, but also in the way in which it is exhibited, which includes several screens, with Julien being a pioneer in multiple-screen film installations.

The artist's works often emerge from in-depth investigations of historical personalities, including Langston Hughes, Frantz Fanon and Lina Bo Bardi, in a process that often aims to review history's official versions. Although films are the main form of his artistic production, photography also plays a fundamental role in Julien's oeuvre. In his photographs, he reinvents and redefines the aesthetics of his audio-visual production using techniques such as collage and digital photomontage.

His film *Young Soul Rebels* (1991) was awarded the Semaine de la Critique prize in the Cannes Film Festival. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), which the artist co-directed with Mark Nash, received the Pratt and Whitney Canada Grand Prize. Julien was also awarded the McDermott Prize from MIT and The Golden Gate Persistence of Vision Prize (2014) during the San Francisco Film Festival. In 2015, Isaac Julien obtained the Kaino Prize for artistic excellence.

[click to see full cv](#)

selected solo exhibitions

- *Lina Bo Bardi - Um Maravilhoso Emaranhado*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brazil (2025)
- *Lessons of the hour: Frederick Douglas*, Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA (2024)

-
- Isaac Julien – *Fantôme Afrique*, Ruby City, San Antonio, USA (2023)
 - *What Freedom is to me*, Tate Britain, London, UK (2023)
 - *Once Again... (Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, USA (2022)
 - *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), New York, USA (2019)
 - *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Denmark (2018)
 - *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Stockholm, Sweden (2018)
 - *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brazil (2016)

selected group exhibitions

- *Whitney Biennial 2024: Even Better than The Real Thing*, New York, USA (2024)
- *Black Diasporas: 21st Century Art and Poéticas*, LACMA, Los Angeles, USA (2023)
- *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15*, Sharjah, UAE (2023)
- *Sweat*, Haus der Kunst, Munich, Germany (2021)
- 57th Venice Biennale, Italy (2017)
- *Gallery*, Birmingham, UK (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art, UK (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- Paris Triennial, France (2012)
- 7th Gwangju Biennial, South Korea (2008)

selected collections

- Art Institute of Chicago, Chicago, USA
- Centre Georges Pompidou, Paris, France
- Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA
- Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Tate Modern, London, USA
- SFMoMA, San Francisco, USA
- Young Museum, San Francisco, USA

karola braga

n. 1988, São Caetano do Sul, Brasil.

Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Karola Braga é artista cuja prática parte do olfato como linguagem crítica, sensorial e política. Investiga o cheiro como campo de fricção entre corpo, memória e poder, criando experiências que atravessam o íntimo e o coletivo, o visível e o invisível. Em suas obras, o cheiro não é ornamento: é estrutura, discurso e presença viva.

Trabalha com tecnologias ancestrais, usando resinas, fumaça, cera e cerâmica, além de formulações sintéticas, microencapsulação, polímeros e tecido, expandindo a escuta sensorial do mundo para além da primazia do olhar. Sua produção se manifesta entre instalações, esculturas, performances e site-specific, abordando temas como apagamento, finitude, memória coletiva e as relações de continuidade entre passado e presente. A ancestralidade surge não como origem fixa, mas como força viva que atravessa materiais, saberes e práticas, convocando novos modos de presença.

exposições individuais selecionadas

- *O Mergulho de Naia*, Museu da Cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *La dimension sensorial sagrada de los olores*, La Nueva Fabrica, Antigua, Guatemala (2025)
- *Inalação*, Galeria Luis Maluf, São Paulo, Brasil (2024)
- *O que fica de abraços prestes a serem extintos*, Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *A vida não é um mar de rosas*, Complexo Cultural Funarte, São Paulo, Brasil (2020)

exposições coletivas selecionadas

- *Nem tudo que reluz*, Solar Fábio Prado, São Paulo, Brasil (2025)
- *Ether: Aromatic Mythologies*, Craft Contemporary, Los Angeles, EUA (2025)
- *Uma Casa toda Sua*, Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira (MAB), São Paulo, Brasil

lia chaia

n. 1978, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo

Lia Chaia trabalha as percepções e vivências do cotidiano, como a permanente tensão entre espaço urbano, corpo e natureza. Faz parte de seu interesse a discussão do modo como a natureza vem sendo apropriada pelos padrões da cultura urbana. Também se dedica a pensar e perceber como o corpo reage aos estímulos e rupturas do mundo contemporâneo. Um corpo que se adapta às paisagens, que cria relações com outros espaços, objetos e pessoas, tornando-se um território de investigação. Assim, para dar conta dessa complexa trama de questões, a artista procura refletir em seu trabalho sobre a dissolução das fronteiras entre suportes e linguagens.

exposições individuais selecionadas

- *Percurso*, Galeria Aymoré, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Febril*, Vermelho, São Paulo, Brasil (2018)
- *Estacionamente*, SENAC, São Paulo, Brasil (2018)
- *[Co] Habitar*, Casa da América Latina, Lisboa, Portugal (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Tales from an Old World*, Museu d'Historia da Catalunya, Barcelona, Espanha (2020)
- *Life, Still Life*, Galeria Presença, Porto, Portugal (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Metrópole: experiência paulistana*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2016)

kuenan mayu

n. 2003, Manaus, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Kuenan Mayu é uma jovem ARTivista indígena trans, pertencente às etnias Tikuna e Tariana, nativas da região amazônica do Brasil. Nasceu das águas do alto rio Solimões, no território indígena Tikuna Feijoal, a arte desempenha um papel fundamental em sua vida, conectando-se à rica cultura e à profunda ligação com suas duas etnias, que são suas principais fontes de inspiração e criação. Kuenan absorveu os segredos e saberes ancestrais, como expressões da arte sagrada Tikuna, moldando assim sua visão de mundo. A arte e o ativismo são empregados como poderosas ferramentas políticas e ancestrais, sob uma perspectiva contemporânea, entrelaçando-se com a identidade e vivacidade espiritual de seus povos. Sua expressão artística abrange uma ampla gama de formas, desde os desenhos e pinturas tradicionais, elaborados com pigmentos naturais da Amazônia na tela sagrada do tururi, até imagens concebidas por meio de diversas tecnologias. Obras que abordam questões políticas ambientais, de gênero e sexualidade, além das cosmovisões de suas etnias, promovendo a união entre o contemporâneo e o ancestral.

exposições individuais selecionadas

- *Janela em Movimento*, Casulo Arte e Cultura, São Paulo, Brasil (2024)
- *Polinizar Casulos*, Casulo Arte e Cultura, São Paulo, Brasil (2024)
- *Lua Nova*, Marli Matsumoto Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil (2024)

not vital

b. 1948, Sent, Switzerland
lives and works *in Situ*

Not Vital is best known for having developed a practice that is based on intense contact with nature and a nomadic lifestyle. His work seeks to provoke unusual experiences or viewpoints, either by displacing purely natural forms, or by extracting elements from remote regions, and re-contextualizing them into an artistic framework, often altering their scale or materials. Since the beginning of the 1980s, Not Vital has repeatedly collaborated with artisans in an endeavour to intertwine sculpture and the construction of space, frequently diluting the limits between art and architecture, and establishing an intimate relationship with the local cultural context. Indeed, his pieces work to alter our perception of the environment that they inhabit, either through their reflexive physicality or their unusual architectural structure.

Vital has also produced paintings and works on paper, which converse with the matters he addresses in his sculptures and architectural propositions. For these pieces, the artist employs a varied palette of materials that go from the simple and perishable—coffee, salt, eggs—to the most valuable and resistant—marble, silver and gold. Since the end of the 1990s, Not Vital has erected permanent installations in numerous locations, including Agadez (Niger), Chilean Patagonia (Chile) and Paraná do Mamori (Brazil). In addition, he has also built so-called habitats, such as the *House to Watch the Sunset*, amongst other schools, bridges or tunnels.

[click to see full cv](#)

selected solo exhibitions

- *Tirando Onda*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brazil (2025)
- *Not Vital: A Vida é um Detalhe*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2022)
- *Not Vital: Scarch*, Abbazia di San Giorgio, Venice, Italy (2021)
- *Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, United Kingdom (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Switzerland (2019); Ateneum, Helsinki, Finland (2018)
- *Saudade*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2018)
- Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, United Kingdom (2016)

selected group exhibitions

- *Mães*: Not Vital & Richard Long, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil (2024)
- 17th Venice Architecture Biennale, Italy (2021)
- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Switzerland (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthaut, Aarau, Switzerland (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Denmark (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tokyo, Japan

selected collections

- Bibliothèque Nationale, Paris, France
- Kunstmuseum Bern, Bern, Switzerland
- Museum of Modern Art, New York, USA
- Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japan

richard long

n. 1945, Bristol, Reino Unido

Vive e trabalha entre Londres e Bristol, Reino Unido

Since the late 1960s, Long has made nature the subject of his work. Early on in his career, he began working outdoors using natural materials he found, such as grass and water: one of his first works, from 1964, consisted of a snowball and the trail it made as it rolled. This eventually evolved into the idea of making sculptures by walking. His first work in this sense was *A Line Made By Walking*, from 1967: a straight line in a field of grass recorded as a photograph with text. His creations expressed through walking have come to include the passage of time and place into the sculptural field, as his walks are recorded or described in photographs, maps or texts. Long also collects various materials found along the way to produce his works, both in the landscape itself and in galleries. In his words: “I’m interested in the emotional power of simple images”, and the materials he finds are organized into configurations such as circles and lines, which are “timeless, universal, understandable and easy to make”.

In his poetics, the changes he makes to the landscape are minimal. His outdoor sculptures, whether made by walking or by placing stones or sticks, leave minimal evidence of his presence. The artist has worked in some of the world’s most remote landscapes and, using the most economical means, has created a body of work that has transcended international boundaries and speaks a truly universal language.

selected solo exhibitions

- *Richard Long*, Rijksmuseum, Amsterdam, Netherlands (2023)
- *Richard Long*, Judd Foundation, New York, USA (2016)
- *Richard Long: Time and Space*, Bristol, United Kingdom (2015)
- *Richard Long: Heaven and Earth*, Tate Britain, London, United Kingdom (2009)

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA
- Centre Pompidou, Paris, France
- The Art Institute of Chicago, Chicago, USA
- Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japan

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA
- Centre Pompidou, Paris, France
- The Art Institute of Chicago, Chicago, USA
- Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japan
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Netherlands
- Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Spain
- Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA

nara roesler

são paulo

avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor, 241
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038